

EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR

Fabírcia Teodósio dos Santos

Valdineia Alves dos Santo Matias

Acadêmicas do Curso de Pedagogia do Campus IV da Universidade Federal da
Paraíba (UFPB).

Orientador: Lusival Antonio Barcellos

Doutor em Educação. Prof. da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - Campus IV.
lusivalb@gmail.com

Introdução: A história da educação especial começou a ser pensada no século XVI, com médicos e pedagogos que, desafiando os conceitos existentes da época, acreditaram no desenvolvimento das capacidades de indivíduos até então considerados impossíveis de se educar. Assim, a educação especial foi constituindo-se como um sistema paralelo ao sistema educacional geral, surgindo às bases para uma proposta de unificação. O presente trabalho tem como objetivo analisar a historicidade e o seu contexto inclusivo nas escolas da cidade de Mamanguape-PB. *Metodologia:* Foi realizado um estudo de pesquisa em periódicos sobre a educação especial no contexto escolar tentando sensibilizar o meio acadêmico, os pais, professores que trabalham ou não com educação especial. *Resultados:* Segundo os educandos pesquisados as disciplinas no qual encontram mais dificuldades é a de português pela falta de comunicação com os colegas, pois estes não sabem como interagir com os portadores de necessidades especiais, discriminando-os e excluindo-os. *Conclusão:* Concluímos que é preciso existir uma abordagem e um conhecimento acerca da necessidade especial de forma mais concisa, onde todo meio escolar compreenda essas necessidades, fazendo com que a inclusão exista de forma igualitária, e não que essa necessidade venha excluí-lo, de todo contexto escolar.

Palavras chaves: Inclusão, Educação, Contexto Escolar.

ABSTRACT

Introduction: The history of special education began to be thought in the sixteenth century, with doctors and educators who, challenging existing concepts of the time, believed in developing the skills of individuals until then considered impossible to educate. Thus, special education was establishing itself as a parallel system to the general education system, the basis for an emerging proposal for unification. The present work aims to analyze the historical context and inclusive schools in the city of Mamanguape-PB. Methods: We conducted a research study in journals on special education in the school tried to sensitize the academic community, parents, teachers working with special education or not. Results: According to the students researched the disciplines in which they find more difficult is the lack of Portuguese communication with colleagues, because they do not know how to interact with people with special needs, discriminating them and deleting them. We conclude that there must be an approach and a knowledge of special need more concisely, where all middle school understand these needs, making the inclusion exist equally, and that this need will not delete it from throughout the school context

Keywords: Inclusion, Education, School Context.

1 INTRODUÇÃO

A história da educação especial começou a ser pensada a partir do século XVI, com médicos e pedagogos que, desafiando os conceitos existentes da época, acreditaram no desenvolvimento das capacidades e potencialidades de indivíduos até então considerados impossíveis de se educar. Centrados no ponto de vista pedagógico, a educação formal era direito de poucos, e os indivíduos tidos como especiais eram banidos da sociedade e da formação escolar, com isso, pesquisadores desenvolveram seus trabalhos em bases tutoriais, sendo eles próprios os professores de seus protegidos.

Entretanto, apesar das poucas experiências realizadas, o cuidado foi essencial ao processo, e a institucionalização que se dava nos asilos e manicômios foram a principal resposta social para tratamento dos considerados ineducáveis. Mais isso foi algo que começou a ser transformado na metade do século XX, aparecendo uma resposta ou uma organização entre os modelos educacionais, onde pressupunham a manutenção dos serviços já existentes e uma opção preferencial pela inserção na escola comum, e mais especificamente na classe comum, admitindo assim a necessidade de manter o contínuo serviço com diferentes níveis de integração para todos.

A partir da década de 1970, houve uma considerável mudança, e as escolas tradicionais, tidas como comuns passaram a aceitar crianças ou adolescentes com deficiências em classes comuns, ou, pelo menos, em classes especiais mais amplas da sociedade, no qual as relevantes provisões educacionais eram voltadas para crianças e jovens que sempre foram impedidos de ter acesso à escola comum, ou para aqueles que até conseguiam ingressar, mas que passaram a ser encaminhados para classes especiais por serem considerados diferentes e não avançarem no processo educacional deixando-o aparte de todo sistema e contexto escolar. Assim, a integração escolar não era concebida como uma questão de tudo ou nada, mas sim como um processo com vários níveis, no qual o sistema educacional dotaria os meios mais adequados para atender as necessidades dos referidos alunos na sua especificidade. Esse Tratamento desigual era baseado na crença de que eles seriam mais bem atendidos em suas necessidades educacionais se ensinados em ambientes separados, e se seu contato fosse a partir de pessoas com a mesma necessidade.

No entanto, a questão do pressuposto é que a todos em único contexto de sala tem que possuir e possuem um único saber e que a didática e as praticas dos professores incorpore a um único método, onde sabemos que cada ser possui seus prévios conhecimentos e seu próprio ritmo de aprendizagem, não julgando a aprendizagem do todo em um saber vulgar e igualitário a todo processo de aprendizagem.

Sobre isso Santos (1995) afirma:

que a comunidade acadêmica, não pode continuar a pensar que só há um único modelo de cientificidade e uma única epistemologia, e que, no fundo, todo o resto é um saber vulgar, um senso comum que ela contesta em todos os níveis de ensino e de produção do conhecimento.

Já no século XIX semelhante à evolução asilar, a instituição escolar passa a ser obrigatória a todos, consequentemente com a incapacidade da escola na adaptação de responder pela aprendizagem de todos os alunos deram origem as classes especiais nas escolas regulares, onde os alunos considerados de difícil aprendizagem foram encaminhados. Assim, o acesso à educação para portadores de deficiências vai sendo conquistado lentamente e adaptado ao mesmo tempo, na medida em que se ampliaram as oportunidades educacionais numa visão inclusiva para a população em geral no conceito de organizar a visão preconceituosa, a os tidos com necessidades especiais. Proliferando, no entanto as classes quanto às escolas especiais com modelos alternativos às modalidades institucionais residenciais depois das guerras mundiais. Sendo assim, a partir, deste mesmo século aparece uma resposta mais ampla da sociedade para os problemas da educação das crianças e jovens com deficiências, em decorrência da industrialização, da reabilitação dos mutilados da guerra que necessitavam de uma nova visão de adaptação ao meio social.

2 AS NOVAS VISÕES E ADAPTAÇÃO

As visões que antecederam a década de 1970, ou seja, as educacionais eram voltadas para crianças e jovens que sempre haviam sido impedidos de ter acesso a escola comum, ou para aqueles que até conseguiam ingressar, mas que passaram a ser encaminhados para classes especiais por não avançarem no processo educacional, visto a própria adaptação do sistema na inclusão. Pensando assim numa segregação baseada em que eles seriam mais bem atendidos em suas necessidades, onde a educação especial foi constituindo-se numa perspectiva de separação, como um sistema paralelo ao sistema educacional geral, por motivos meramente morais, científicos, políticos, econômicos, no qual surgiram as bases para uma proposta de unificação e inclusão de todos ao contexto escolar.

Tais motivos foram gerados pelos movimentos sociais existentes que, conscientizaram e sensibilizaram em parte esta segregação dos indivíduos e os prejuízos dos grupos excluídos do meio e da formação social, sendo pensado em uma prática intolerável no meio social visto que a visão contrária de sociedade, teria que ser pensada e mudada para um convívio social mais inclusivo, num processo que visa promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas portadoras de deficiências, conduta típica ou de altas habilidades, e que abrange os diferentes níveis de graus do sistema de

ensino que dever ser pensada e incluída ao contexto escolar, conseqüentemente mudando a visão distorcida das pessoas acerca desse tema e adaptando essas crianças com necessidades especiais ao convívio social e ao contexto social, visando que são seres que possuem necessidades e atenções voltadas as suas necessidades de adaptação social e não a exclusão da sua necessidade que em muitos casos se dá realmente da adaptação ao meio social em que vivem.

3 A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO E OS SEUS PRESSUPOSTOS

A principal importância e preocupação da educação inclusiva é o desenvolvimento integral das habilidades do homem e a sua preparação para uma vida produtiva na sociedade, fundada no equilíbrio entre os interesses individuais e as regras de vida nos grupos sociais, obedecendo assim aos mesmos princípios da Educação Geral, devendo se iniciar no momento em que se identifique atraso ou alterações no desenvolvimento global da criança e continuar ao longo de sua vida, valorizar suas potencialidades, conhecimentos e lhe proporcionar todos os meios para desenvolvê-las. Toda trajetória escolar precisa ser repensada, considerando-se os efeitos cada vez mais nefastos das especializações encontradas nas diversidades dos alunos e no seu ritmo próprio de aprendizagem.

O aluno da Educação Especial é aquele que, por apresentar necessidades diferentes dos demais alunos no domínio da aprendizagem curricular correspondente à sua idade, requer recursos pedagógicos e metodológicos educativos mais específicos a sua especificidade no contexto escolar de forma que sejam trabalhadas com esses alunos suas necessidades de forma inclusiva ao contexto da sala de aula, não achando que inclusão se dá apenas na sala de aula se estiver algum aluno com necessidade especial; a inclusão no contexto escolar se dar de forma onde todos compreendam a sua necessidade e a trabalhe de maneira coletiva no contexto sala e escola e incorporem essa necessidade no convívio, mesmo existindo a especificidade, visto que cada ser humano possui suas próprias características e especificações. Nesse sentido, estamos voltados ao pensamento de um todo como diz (MORIN, 2001) “[...] dos saberes, que nos dificultam a articulação de uns com os outros e de termos igualmente uma visão do essencial e do global.”

É nessa visão inclusiva e igualitária voltada à especificidade, deixando de lado a visão de um todo, que deveria se pensar numa continuidade de serviços e apoio às

necessidades educativas encontradas em sala de aula e na própria escola. É importante que essas pessoas que estejam acompanhando os alunos com necessidades especiais possam ter uma formação específica, acabando assim com essa visão antagônica que qualquer pessoa serve para apoio, para acompanhar as necessidades do aluno. Visto que um profissional venha a contribuir na formação desse alunado por ser alguém com experiências e fundamentações teóricas, colaborará assim para a sua formação e inclusão.

4 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NAS SUAS ESPECIFICIDADES COTIDIANAS

Para alguns educandos a disciplina de mais difícil compreensão é o Português pela falta de comunicação direta entre as pessoas, dificultando a interpretação e a produção de texto. Nas demais disciplinas há dificuldade de assimilar os conteúdos, porém se torna mais flexível a aquisição desses conhecimentos até mesmo pela colaboração que os colegas lhes dão, para que haja um aprendizado melhor. A dificuldade ao se relacionarem com os colegas dar-se-á pela forma de comunicação existente entre elas, pois os mesmos não têm habilidade nem conhecimento de como interagir com os portadores de necessidades especiais, discriminando-os, muitas vezes, excluindo do grupo.

A metodologia aplicada no processo de inclusão irá depender muito do professor, que de acordo com seus conhecimentos e competência, irá desempenhar suas atividades em sala de aula de acordo com as necessidades de cada um. Na maioria dos casos a educação inclusiva afeta os professores da educação especial, temerosos de perder o espaço que conquistaram nas escolas e redes de ensino. Muitos professores procuram envolver-se em grupos de pesquisa das Universidades, para saberem trabalhar na perspectiva da inclusão, visto que a educação inclusiva esta sendo posta diretamente no cotidiano de muitas escolas. Muitos professores em sua formação pedagógica foram delimitado desse conceito e desconhecem totalmente o como se dá a inclusão em sala de aula. (MANTOAN, 2002; DORÉ, WAGNER E BRUNET, 1996). Nesta nova situação, de Inclusão, é interessante como forma adicional, considerar as peculiaridades da população associadas as estratégias que serão utilizadas. Com base no que foi colocado, o professor poderá conhecer a necessidade, os interesses e as possibilidades de cada aluno e de cada grupo com que trabalha (o que já têm sido feito por ele).

Existe uma infinidade de fatores que certamente influenciam na aprendizagem de portadores de deficiência entre elas as características das tarefas motoras, o sujeito que possui aprendizagem prévia, o contexto da aprendizagem, o tipo de informação, etc. Não existe nenhum método ideal ou perfeito da Educação que se aplique no processo de Inclusão, porque o professor sabe e pode combinar numerosos procedimentos para remover barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos. Conhecendo os argumentos pelos quais a escola tradicional resiste à inclusão se poderá perceber a sua incapacidade de atuar diante da complexidade, da diversidade, da variedade e do que é real nos seres e nos grupos humanos.

Os alunos não são virtuais, objetos categorizáveis. Eles existem de fato, são pessoas que provêm de contextos culturais os mais variados; representam diferentes segmentos sociais, produzem e ampliam conhecimentos e têm desejos, aspirações, valores, sentimentos e costumes com os quais se identificam. Em uma palavra, esses grupos de pessoas não são criações da nossa razão, mas existem em lugares e tempos não ficcionais, evoluem, são compostos de seres vivos, encarnados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Inclusão é um processo bilateral em que o deficiente e a sociedade realizam adaptações, para viabilizá-la. Implica em autonomia da pessoa com deficiência, domínio do ambiente físico e social, preservando a privacidade, a dignidade e a independência sendo capaz de fazer escolhas, tomar decisões e assumir o controle de sua vida.

Seria a partir deste pensamento transformador que teremos não só uma educação inclusiva mais também uma sociedade transformadora, pois a partir do olhar do próximo identifica-se o próprio eu, partindo do pensamento que a educação seria um ato de se transformar e transformar o meio a nossa volta.

Contudo, é importante sensibilizar o meio acadêmico, os pais, os professores que trabalham ou não com educação especial e a própria comunidade em geral a estarem atentos aos problemas encontrados pelos portadores de deficiência, quanto a seus anseios, as suas dúvidas e os seus desejos.

E nisso se dará a inclusão das pessoas com necessidades especiais com o olhar voltado a percepção do eu no outro, que será de grande valia para a constituição da educação especial, olhar esse que deve ser observado pelos pais, professores, alunos e toda comunidade escolar e mesmo não possuindo a cultura desse despertar ao próximo,

tem que possuir a obrigação social de incluir a criança especial no contexto escolar, e no convívio inclusivo, respeitando sua especificação e seus anseios e desejos, se fazendo assim parte inclusiva e importante da sociedade.

REFERÊNCIAS

DORÉ, R.; WAGNER, S.; BRUNET, J. P. **Réussir l'intégration scolaire**: la déficience intellectuelle. Montreal/ Québec: Les Éditions Logiques, 1996.

MANTOAN, M. T. E. Produção de conhecimentos para a abertura das escolas às diferenças: a contribuição do LEPED. In: ROSA, D. E. G.; SOUZA, V. D. de (Orgs.). **Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e Formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 79-93.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SANTOS, B. S. **Entrevista com Prof. Boaventura de Souza Santos**. Disponível: <<http://www.dhi.uem.br/jurandir/jurandir-boaven1.htm>>. Acesso em: 20 maio 2012.